

1- Antes de mais gostaria de cumprimentar os membros do júri. O presidente da mesa, o professor João Nási, a arguente, a professora Ana Vaz Milheiro e o meu orientador, o professor João Soares. Gostaria também de cumprimentar e já agora agradecer a todos presentes por virem assistir a esta apresentação.

2- **A CASA EM PARDELHAS**

obra que apresento, é uma das últimas intervenções do Arquitecto Fernando Távora em Arquitectura Popular.

3- Sobre esta casa de Vila Nova de Cerveira existe ainda pouca informação publicada e, foi também por isso, que se considerou pertinente o registo de uma obra que, além de reconhecida qualidade arquitectónica,

4- é da autoria de um arquitecto que preconizou uma forma excepcional de projectar em Portugal no século XX, reconhecida e admirada em todo o mundo.

5- Foi essencial para mim, para a tese, o contributo dado por uma relação directa com os dois únicos colaboradores no projecto.

6- O colaborador e amigo de longa data de Fernando Távora, o Arquitecto Fernando Barroso e

7- de uma geração mais recente, com um testemunho igualmente interessante sobre Távora e sobre o seu trabalho, o Arquitecto Pedro Pacheco. Num âmbito mais vasto de análise da Obra, do Arquitecto, da Vida e da Pessoa que era Fernando Távora, fundamental para as considerações finas,

8- foi ainda a orientação do Arquitecto Alexandre Alves Costa.

9- Como Fernando Távora destriça o essencial do supérfluo na adaptação programática desta casa, para a sua indispensável contemporaneidade, é o que se pretende mostrar hoje mas, antes de avançar para o projecto, farei uma breve contextualização.

10- Fernando Távora, numa entrevista ao jornal *EL PAÍS*, lembrou:

11- que Depois da *Segunda Guerra Mundial* se viveu um momento chocante porque existiam lugares por edificar em [Portugal], que se encontravam na mesma situação de cidades destruídas pela guerra.

“Ao fazer esta análise, Távora viu que existia uma certa coincidência entre o que os ‘arquitectos modernos’ propunham e o que necessitávamos.”²

“Estavam a entrar no mundo moderno por uma porta real, sem teorias”³ e “A pobreza justificou o interesse pelo Movimento Moderno.”⁴

12- Como o arquitecto Pedro Pacheco referiu em entrevista “Enquanto que na Europa se desenvolvia uma certa generalização das bases do Movimento Moderno, Távora fazia um recuo. Era fundamental repensar a arquitectura, mas considerava também que as culturas locais não podiam ser esquecidas. Não ia começar a importar arquitectura. Ele tinha a consciência de que sem conhecer o nosso País não conseguimos operar nele e daí nasce, em 1945, o ensaio *O Problema da Casa Portuguesa*.”⁵

Fernando Távora refere neste ensaio que “as casas de hoje teriam de nascer de nós, isto é, teriam de representar as nossas necessidade, resultar das nossas condições de vida. A esta altura, em Portugal, debatiam-se duas correntes arquitectónicas:

13- Por um lado a “Arquitectura de arqueólogos”⁷, como denominou Távora, apoiada então pelo Regime, que se limitava a composições de várias formas do passado. Este formalismo exagerado ‘espartilhava’ a arquitectura numa estilização teórica generalizada contrária à diversidade de ‘estilos’ que existia até então resultantes de diferentes práticas de vida por todo o país.

Por outro lado ganhava força a arquitectura do Movimento Moderno que procurava, através das novas tecnologias e materiais, responder a necessidades físicas que solucionavam em parte problemas reais mas a custo de um corte drástico e algo dramático com o passado.

- 14- Távora procurava uma alternativa. A especificidade da arquitectura portuguesa que tinha a ver com a forma como as casa eram construídas associadas à lógica de trabalho nos campos, a uma economia de meios, ao conhecimento sobre os materiais e experiência construtiva que estava a sofrer uma descontinuidade, perdida entre o formalismo saudoso e o deslumbramento pelas novas tecnologias que roubavam a essência que dá toda a beleza intrínseca à arquitectura portuguesa: a lógica, o pragmatismo, a parcimónia... Esta essência foi registada no
- 15- *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, decorrido entre 1955 e 1960. Para a elaboração deste *Inquérito* contribuiu em grande medida intervenção a teórica do Arquitecto Francisco Keil do Amaral, *Uma Iniciativa Necessária*⁹, em 1947, que vem reforçar os pressupostos do ensaio *O Problema da Casa Portuguesa*, de Fernando Távora.
- 16- A Obra de Fernando Távora, a partir dos anos 50, poderá ser dividida essencialmente em dois períodos:
- 17- • Um primeiro período – dos anos ‘50 aos anos ‘70 – durante o qual há a concretização prática de um pensamento que
- 18- evidencia valores do Movimento Moderno Internacional conciliados, de forma inédita, com princípios existentes na Arquitectura Popular.
Neste período incluem-se, entre outras obras,
- 19- o Mercado de Santa Maria da Faria (1953-1959),
- 20- o Pavilhão de Ténis na Quinta da Conceição e (1956-1960)
- 21- a Quinta da Conceição (1956-1961), e a
- 22- Casa de Ofir (1957-58), em Ofir.
- 23- • Num segundo período – dos anos ‘70 ao final dos anos ‘90 – alguma da presença que caracteriza a linguagem moderna nas suas obras é atenuada.
- 24- Os projectos incidem mais no campo da intervenção no património demonstrando, na prática, a importância que tão precocemente atribuiu à história.
Entre as obras mais marcantes deste período encontram-se, em Guimarães,
- 25- a recuperação da sua Casa da Covilhã, na freguesia de Fermentões (1973-1976) e

- 26- a intervenção no antigo Convento de Santa Marinha da Costa (1975-1984);
- 27- em Coimbra, a intervenção na Praça 8 de Maio (1993-1997) e,
- 28- no Porto, a ‘Casa dos 24’ (1995-2002). É precisamente neste período que se contextualiza a Casa de Pardelhas com
- 29- a introdução de um programa novo num edifício antigo, um tema que se torna referência no conjunto da sua Obra. Neste tema,
- 30- segundo o **Arquitecto** José Bernardo Ferrão, o antigo Convento de Santa Marinha da Costa, é fundamental como projecto charneira
- 31- a partir do qual Távora consegue “(...) inserir dialecticamente a sua arquitectura num processo formal contínuo e temporalmente extenso,
- 32- à semelhança do ocorrido ao longo da história das nossas construções, sucessivamente transformadas e
- 33- enriquecidas através de novas contribuições que mantêm um espírito comum.”¹⁰
- 34- A CASA EM PARDELHAS** é um conjunto agrícola, intervencionado em 1994-1999
- 35- localiza-se em Vila Nova de Cerveira, norte de Portugal, numa zona montanhosa, muito próxima ao Rio Minho.
- 36- Esta construção em granito da Arquitectura Popular encontra-se, mais precisamente, num ponto intermédio da serra denominada Costa de Pardelhas e está inserida num pequeno agrupamento de casas.
- 37- **Vou dar uma noção do percurso exterior**, algo exagerada, que penso que ajuda a perceber o conjunto e o sentimento de espaço urbano que existe. passo a explicar:
- 38- **partindo do largo segue uma rua estreita que vai ter ao pátio, uma autêntica ‘sala ao ar livre’. um caminho que sobe, acessos e uma passagem por baixo da casa. à direita um beco sem saída, à esquerda uma pia a um canto. O caminho segue indefinidamente. Uma viela termina numa praça sem limites.**
- 39- **Volto a explicar o percurso detalhadamente**

40- Um muro contínuo oculta a casa em estudo tal como outras casas vizinhas. Desde a rua vê-se apenas um volume de fachada cega.

41- O portão da Casa de Pardelhas, sóbrio e horizontal, difere do que foi inicialmente desenhado,

42- que permitiria ver o interior estabelecendo continuidade com o exterior.

43- Quando se atravessa o portão a calçada exterior prolonga-se para o interior

por uma rua estreita de fachadas tortas com um carácter espontâneo que se pode encontrar nas aldeias do interior Norte de Portugal. Esta rua privada, desenhada por muros que limitam a propriedade, pela garagem e anexo, vai descendo através de alguns degraus e uma ligeira pendente até chegar

ao pátio, onde se situa a entrada da casa.

O pátio¹³⁹ confinado pela casa, anexo e muros de contenção

44- “(...) é uma autêntica sala ao ar livre. Por ela se tem acesso a tudo e para ela dão todas as portas.”¹⁴⁰ Deste pátio parte também um percurso de acesso ao jardim superior e ainda outro de acesso à eira.

45- Para aceder à casa, sobem-se as escadas que marcam a entrada principal ou descem-se aproximadamente 30cm que diferenciam a cota do pátio da dos quartos. O acesso ao anexo é feito pelo interior

46- Do pátio percebe-se que há uma estreita distância entre a casa e o anexo onde se encontra uma passagem que os une.

47- Verifica-se assim que há diferentes cotas no interior dificilmente perceptíveis pelo exterior, e ...

Isto porque a pendente foi aproveitada para instalar as lojas e reduzir os degraus de acesso ao piso onde seria a moradia.

48- No seguimento do percurso exterior, há uma passagem, por baixo da sala de estar, na qual se sente o contraste entre o pátio em luz e a sombra do espaço coberto onde se guarda a lenha.

O portão que se segue é a ligação entre o pátio e o terreno em socalcos, que vai descendo de dois em dois metros à medida que se distancia da casa. Onde antes se desenvolvia a actividade agrícola encontra-se agora um jardim unido por alguns degraus que Távora foi sabiamente posicionando entre as diferentes cotas.

49- Existem ainda no chão marcas do antigo portão

50- e ouve-se o ruído da água que desce da caleira, passa pelo pavimento seguindo o trajecto que a conduz, em cada patamar, a um tanque em granito,

51- desenhado por Távora e, finalmente, até ao fim da propriedade.

52- As pedras que seriam do antigo lagar, encontram-se agora espalhadas pelo jardim evocando e inventando memórias.

53- Aqui encontra-se uma construção, que corresponde ao antigo lagar e casa da eira¹⁴², que Távora destinou a um novo programa de habitação, completamente independente da casa. A este conjunto da eira pertencem ainda dois espigueiros.¹⁴³

54- Pausa

55- Onde se localizava o antigo sequeiro localiza-se agora um novo volume pensado para a sala de estar. Apesar de haver uma grande diversidade de elementos que, organizam o espaço, o desenho das carpintarias introduzidas respeita a proporção do conjunto. Na nova fachada percebe-se que há uma transposição do ritmo das pequenas colunas e a reafirmação do limite do parapeito da varanda que, em conjunto com a cor, contribuem de forma significativa, para a coerência de um todo indissociável.

A contemporaneidade do novo alçado sobressai do conjunto. Ainda assim, a reduzida dimensão das janelas desta fachada é coerente com a dos vãos pré-existentes mantendo uma forte relação entre as distintas linguagens.

No passado, o volume seria, provavelmente, constituído apenas por barrotes com uma tábua em cima. Agora há preocupações de isolamento, de preservar a proporção das coisas,...e Távora foi introduzir tudo isto numa nova estrutura.

Considerando a espessura total da nova composição de pavimento do piso suspenso, exigida para o conforto térmico e isolamento dos espaços interiores e constatando a

aparente leveza do volume, admira-se a mestria do arquitecto. A altura da passagem manteve-se à cota que seria a mesma da varanda. Foi ainda através da partição do volume, – a estrutura recuada em relação aos cachorros, o elemento horizontal que se apoia nos cachorros, um outro elemento horizontal que avança e marca a altura do parapeito da varanda, as janelas que recuam ligeiramente e o telhado que também avança – que se conseguiu esse resultado, sem quebra de continuidade.

“Se fosse tudo plano, na fachada, seria uma coisa pesada. Foram então criadas sombras.”¹⁴⁷ que aligeiram o volume.

56- “Para Távora, tal como os cachorros estavam ali para receber qualquer coisa...”¹⁴⁸

57- a galeria também foi óbvia.

58- A intervenção de Távora distingue-se geralmente pela madeira pintada de vermelho, que possibilita reconhecer muitas vezes a pré-existência da intervenção como, por exemplo, a altura original do edifício que corresponde ao antigo lagar,

59- que seria sensivelmente igual à do espigueiro e foi aumentada.

60- À ruína, formada por dois núcleos, foi adaptado o programa de uma casa de férias.

61- No piso térreo da casa e no anexo localizar-se-iam as lojas encontrando-se a moradia na parte superior da casa com o sequeiro adossado. A varanda funcionava como um corredor que ligava a entrada da casa às dependências da moradia, normalmente com duas divisões, como sucede noutras casas daquela região. Actualmente, no piso térreo e anexo localiza-se a zona de dormir e casas de banho.

62- Nos quartos do piso térreo, a cota do pavimento é sempre inferior à do exterior e a soleira das portas de acesso para o pátio são também pequenos bancos.

63- No piso superior há uma reposição da varanda coberta.

64- Desta, várias portas dão acesso à cozinha e à sala de jantar, o que permite uma entrada bastante informal nestes espaços que afinal são unos.

65- O balcão desenhado pelo *atelier*, é o único elemento que divide a cozinha da sala,

- 66- espaços naturalmente ligados pelo tipo de vivência que a casa ia ter.
- 67- Assim optou-se por recuperar a cozinha que se encontrava assinalada pelo pavimento e forno em pedra que se mantiveram e que a destriçam dos restantes espaços, conservando o carácter que lhe é próprio na Arquitectura Popular.
- 68- A sala de jantar, que faz charneira com a sala de estar. Távora consegue a individualização clara destas duas salas quebrando a continuidade através de um espaço
- 69- que se estreita e uma pequena diferença de cotas.
- 70- No segundo núcleo encontra-se, o conjunto da eira no qual
- 71- Fernando Távora criou um edifício completamente auto-suficiente
- 72- uma sala com mezanino que serve de quarto, uma cozinha com acesso directo à eira e uma casa de banho.
- 73- Os espaços interiores do anexo, do primeiro núcleo, e
- 74- conjunto da eira assemelham-se muito.
- 75- Nestes, pelo facto da altura livre ser muito baixa, Távora optou por articular em áreas maiores com um *pé-direito* que abrange os dois pisos nas zonas de entrada.
- 76- Os dois espigueiros existentes, foram construídos com estrutura em granito e cobertura de duas águas, prática muito comum no Minho à semelhança da Galiza.
Este é Datado de 1884 possui três pares de pés encimados por rótulas que se interpõem entre estes e a base de forma a impedir a subida de roedores.
Na recuperação, Távora repõe o ripado que existia anteriormente, com uma porta num dos topos, rematado em cada alçado lateral com uma viga em madeira.
- 77- O espigueiro mais próximo da eira não teve qualquer intervenção, foi-lhe atribuída, segundo os proprietários, a nova função de aparador das refeições no exterior.
- 78- À excepção da eira

– formada por grandes pedras de granito – a calçada, foi reposta de forma nivelada. Esta está sempre presente

nas zonas junto à casa prosseguindo até a um antigo caminho de serventia, propositadamente não intervencionado por Távora, que seria o limite que dividia esta propriedade de outra, também adquirida pelo proprietário. Este caminho que atravessa toda a propriedade no sentido longitudinal e une-se, sensivelmente a meio,

ao percurso que acompanha a vinha mais a baixo que, por sua vez, atravessa a propriedade transversalmente e encontra no final

o percurso projectado por Távora, novamente em direcção à casa.

A forma como o sistema se organiza, a casa com as suas partes mais ou menos independentes, vai de encontro ao pretendido.

79- “O que se pedia era uma casa de férias a pensar também nos filhos e netos, nessa perspectiva, de ser uma casa familiar.”¹⁶² Não apenas para uma família nuclear, incluem-se também as suas ramificações e novas exigências espaciais.

80- É todo um conjunto que se articula com uma certa independência mas que, na realidade, não se exclui. Há uma relação íntima de partilha dos espaços exteriores, de percursos que atravessam toda a propriedade e convergem para os locais propícios ao encontro.

81- Sobre o detalhe...

82- As soluções são sempre novas, “O início de cada problema era o início de um estudo.

83- Todas as aberturas na pedra, algumas quase imperceptíveis, foram mantidas. Por estas pequenas fenestraçãoes

vêm-se os espaços contíguos, que revelam parcialmente imagens e sons.

84- Fernando Távora não utilizou unicamente técnicas construtivas tradicionais mas um misto que assegurou a continuidade com os materiais existentes e novos materiais que garantissem mais conforto nos espaços.

Na casa em Pardelhas as paredes interiores são apenas rebocadas e pintadas a branco. Os pavimentos dos pisos superiores são somente madeira e gesso, à exceção da sala de estar. Esta sala suspensa possui isolamento térmico assim como o pavimento em tijoleira do piso térreo e a cobertura, que foram ainda impermeabilizados. Por toda a casa foi também instalado um sistema que garante o aquecimento do conjunto.

85- A madeira utilizada no pavimento dos pisos superiores e cobertura é sempre em carvalho, à exceção da estrutura que é em madeira de castanho.

No interior do conjunto, Fernando Távora opta por pintar as paredes e tectos a branco e no exterior toda madeira a vermelho ou branco, à exceção da parte que constitui o volume suspenso.

86- É exteriormente, na passagem que faz a transição do pátio para o jardim, onde se encontra o travejamento em castanho, na forma mais natural.

87- “A recuperação dos telhados é feita com o sistema tradicional, um telhado de madeira...”¹⁶⁵

88- **Távora deixou a estrutura à vista e manteve a linha de cumeeira.** Segundo a sua orientação, as tábuas de revestimento da cobertura foram colocadas tendo em consideração os movimentos do material, ou seja, com algum espaçamento entre elas. Fernando Távora sugeriu ainda que estas fossem caiadas, algo que não se viria a concretizar por questões de durabilidade e manutenção.

89- É engenhosa a forma como se resolvem as portadas que abrem lateralmente e se recolhem no negativo da parede.

“As portadas eram demasiado perturbantes para a vivência do espaço. Decidiu-se rebater para cima, o que permitiu fazer um banco de madeira contínuo a toda a volta.

90- A partição dos elementos das portadas e as 'dobradiças de piano' fazem com que estas sejam mais esbeltas, firmes e pareçam mais leves.

A madeira utilizada nestes elementos da carpintaria foi madeira de sucupira, a qual se conserva em excelente estado até hoje.

91- Foi desenhado propositadamente um gancho, para segurar as portadas, assim como um fecho, para caixilho das janelas que, por ficarem muito próximas das portadas, não tinham espaço para um fecho *normal*.

92- Na Casa de Pardelhas há uma grande versatilidade dos sistemas de abertura dos vãos pelo uso de ferragens que permitem ser alteradas ou reparadas

93- Foi desenhada uma escada interior que une a sala ao corredor do piso térreo. A escada é de um lado adossada à parede e do outro tem varões de madeira verticais que dão alguma permeabilidade, fazendo uma suave transição entre os espaços, e que servem simultaneamente de apoio.

A escada de acesso ao mezanino do conjunto da eira era para ser inicialmente recta e, por questões de falta de espaço, passou a ser em 'caracol'.

94- As canalizações introduzidas encontram-se à vista e pintadas a branco. A forma como estão colocadas, demonstra que para Távora são também um elemento desenhado, como remate do rodapé, que surgiu de mais uma imposição funcional.

95- “A mesa, os bancos e os armários embutidos nos quartos foi mobiliário desenhado propositadamente para a Casa de Pardelhas,

96- assim como o balcão que separa a cozinha da sala, no volume principal.”¹⁷⁰

97- Pausa

98- Os projectos precedentes, os *casos base*, com semelhantes princípios de intervenção da casa em Pardelhas são as casa em Guimarães: a Casa da Covilhã, na freguesia de Fermentões, e a Casa da Cavada em Briteiros.

99- “Távora ia à obra e fazia os desenhos , esquiços. ... numa relação directa com o local, construía no local.”¹⁷³

100- Távora descreve a intervenção na Casa da Covilhã como

“um processo sinuoso e flexível, um método de homem apaixonado, um desenho de gesto mais do que um desenho no papel”¹⁷⁴

101- A Casa da Covilhã diferencia-se da Casa em Pardelhas, sobretudo, porque

102- só Távora foi interveniente na adaptação ...o cliente era o próprio.

- 103- Semelhante é a recuperação da Casa em Briteiros em que refere:
- 104- “Feitos os primeiros esquiços sobre um levantamento sumário, contratado um pequeno empreiteiro local que dominava as técnicas de construção tradicionais, utilizada a experiência de projecto pouco 'ortodoxo', rapidamente se iniciaram os trabalhos de recuperação.”¹⁷⁹
- 105- Távora projecta sobre o construído em pleno domínio sobre a obra.
- 106- Valoriza sobre o desenho técnico a presença e acompanhamento na obra na medida em que, como arquitecto,
- 107- passa a ser o pilar estrutural da edificação de uma nova realidade.
- 108- Eram frequentes as deslocações à obra onde ia tomando decisões circunstanciais, sempre assumidas com simultâneo esforço de manutenção da unidade de trabalho (...) procurando articular o trabalho dos responsáveis pelas diversas 'artes'.”¹⁸¹
- 109- Refere o arquitecto Fernando Barroso que “destas casas quase não existem desenhos.
- 110- São o que o arquitecto Távora dizia muitas vezes: ‘É um *projecto de bengala!*’ É o projecto em que o arquitecto vem e aponta com a bengala, ‘essa parede aí, tira. E esta aqui, temos que chegar mais para o lado. Aqui os degraus são mais estreitos...’ ” etc.
- 111- Assume-se que “este trabalho está consolidado pela experiência do *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, no Norte. Muitas destas casas têm uma mesma lógica, mesmo sendo feitas por não-arquitectos, há muitas coisas recorrentes, constantes, que têm a ver com a forma de viver, da relação homem /animal, do trabalho do campo...

Távora não teria problema algum em repor um elemento do passado(...) fazer como se fazia à 400 anos atrás, e não se ver que foi feita agora. (...) É uma leitura sem fundamentalismos no diálogo que se estabelece com as pré-existências. Uma interpretação que é feita com uma grande liberdade em que as coisas funcionam como um todo.”¹⁸⁴

- 112- “Nada existia quando [Távora viu] a casa [de Pardelhas] pela primeira vez, é a construção do novo com as pedras da ruína
- 113- **Pausa**
- 114- **Aspectos a referir sobre Pardelhas**
- 115- **A Continuidade da lógica de uma**
- 116- *Casa filha do Minho.*¹⁹⁶
- 117- **O Ecletismo da colocação**
- 118- das pedras do lagar, que fazem agora parte do jardim, avivam antigas e inventam memórias.
- 119- **A Clarificação do existente**
- 120- em que a cor é utilizada como um meio de diferenciação entre a intervenção e o existente.
- 121- **A Parcimónia do**
- 122- aproveitamento dos elementos estruturais pré-existentes.
- 123- • **Utilização de Sistemas construtivos tradicionais**
- 124-
- 125- • **Memória**
- 126- pelo espigueiro e o caminho que Távora optou por não intervir.
- 127- • *Arquitectura de bengala*
- 128- Resolução do projecto em obra; Acompanhamento constante; Relação directa com os mestres.
- 129- Na Casa de Pardelhas, Fernando Távora restituiu alma a uma ruína através da simbiose entre o conhecimento da Arquitectura Contemporânea e da Arquitectura Popular, ou seja, proporcionou um conforto que coexiste com as memórias da sua génese. Este sábio equilíbrio, com opções de enorme respeito pelo construído, possibilita a compreensão da lógica que gerou os espaços e harmoniza o conjunto.

Salienta-se, que ao intervir e recriar esta harmonia, Távora, demonstrou um conhecimento profundo dos materiais, dos sistemas construtivos e domínio do desenho, desde a Arquitectura Popular às mais variadas formas de expressão em que o seu desenho eclético se exprime.

Távora descobriu na arquitectura vernacular semelhanças com o pensamento moderno. A metodologia de relação directa que adoptou seria semelhante à dos mestres pedreiros destas construções.

Constata-se assim que o desenho eclético de Fernando Távora evidencia a importância da Arquitectura Popular Portuguesa revalidada nos projectos da Casa da Covilhã e da Casa da Cavada e também na casa de Pardelhas. Nesta perspectiva de continuidade, Távora assume, não só aqui mas em todas as suas obras, o existente como componente importante do projecto e o novo, como mais uma sedimentação no construído que contribui para o seu enriquecimento e não se desvia da principal função que é servir as pessoas.

130- Na Casa de Pardelhas, esta coerência ideológica materializa-se uma vez mais.